

CONDIÇÕES
 Assinatura mensal nesta cidade. \$ 1.20
 Número do dia. 0.10
 atrasado. 0.20
 PARA FORA
 Semestre. \$ 8.00
 Anno. \$ 15.00
 As assinaturas devem sempre concluir no fim de
 Março, Junho, Setembro e Dezembro, podendo comen-
 çar em qualquer dia.
 A correspondência deve ser dirigida a Redacção e
 não ao proprietário, sem o que não será retirada do
 correio.
PAGAMENTO ADIANTADO

BRASIL

ADMINISTRAÇÃO
 NA
RUA 26 DE MAIO 471
 Recollem-se annuncios e a pedidos. Os arti-
 gos do interesse geral serão publicados gra-
 tuitamente.
DIÁRIO DA MANHÃ
 ASSINATURA PARA O BRASIL
 Semestre (moeda papel). 19\$000
 Anno. 36\$000
PAGAMENTO ADIANTADO

Colaborador: Dr. Alberto Conrado

PROPRIETARIO E REDACTOR -- JOSÉ MARIANO PORTO

Regente: Antonio Oliveira

As amoras

No tempo em que o Raul e a Alice eram crianças e que as amoras corriam sob os pés das mães, muito satisfeitos e risonhos, a correr, ou antes, a saltitar como dois garrulos tiecicos pelo campo alor. Elle, assim que chegava junto da arvore, arregaçava as calcinhas pelo joelho, começava a subir, segurando-se com os bracinhos tostados nos ramos mais altos e apoiando os pés nos logares onde os gallos eram mais fortes e uniam-se ao tronco, sentava-se a asso- biar, colhendo as amoras mais bonitas e jogando-as aos punhados para baixo, onde ella estava com o seu chapéu de palha de grandes abas, ajarrando-as; se por acaso uma ou outra fructa caia no chão, lá ella a correr em busca, e vinha pôr-se outra vez em seu logar, muito vermelha e suada.

Quando o chapéu estava cheio, o Raul descia mais alto que um marinho, e lá iam procurar um logar de sombra para comecem juntos as amoras, saboreando de vagarinho toda a doçura da polpa. Era ali que o bregreiro do pequeno mais gostava. Sentavam-se os dois sobre a gramma, e Alice prendia cada amora com os beicinhos apertados, e elle com a boca arrancava a metade da fructa.

Como era gostoso! Cada pedacinho de amora era uma delicia; pois se vinha orvalhado pela frescura d'aquelles labios tão doces!

Quando o Raul, passados alguns annos, voltou do collegio, tinha já sobre os labios um buço dourado. A Alice fizera dezesseis annos, e a inocência sorria pela sua bocca como a primavera pelas flores da estrada; seus olhos tinham uma luz mais suave que o luar e n'elles transpa- recia toda a innocencia de sua alma pura.

Os galhos das amoreiras protejavam carregados do fructos que os passarinhos em bandos vinham bicar.

— Vamos apanhar amoras? solicitou meigamente o rapaz quando, do braço dado com a namorada, lá passeando pelo campo a tagarellar sobre quando se casassem.

— Vamos! annuo ella.

E lá foram os dois. Elle, como anti- gamente, trepou na arvore, e colheu uma porção de fructas que ia atirando para baixo. Ella, como antigamente, ajarrava com um chapéu de palha de grandes abas.

O chapéu ficou cheio.

— Vamos comel-as lá mesmo onde iamoz?

— Vamos! cedeu ella.

E foram. Chegados lá, Alice fez como fazia: pegou a amora com os beicinhos, e o Raul fez como fazia: chegou os labios a collar com os d'ella.

— Não chegou a tirar a amora: ella estre- meceu, recuou, e, com as faces mais ver- melhas do que um cardo, disse, enver- gonhada:

— Assim não!

Voltaram-se os dois immediatamente. Um homem estava alli, por detraz d'elles. Era o chacareiro, o pai da peque- na, que dizia com a sua voz grossa:

— Ali magano! Então você anda- mo a comer amoras na bocca da rapa- riga!

Gastão Bousquet.

O amor

Ninguém se livra do amor e do seu im- perio. Obedece-lhe na colheita o atono que se junta a outro atono, e obedece-lhe na atiracção o corpo que se suspen- de de outro corpo. E a vida e a morte; e o re- clamor que chama a guerra; e a se- paração. E o prazer dos prazeres, mistura- do com a dor das dores. Quando que- remos analysal-o, foge rapidamente do nosso exame; não o encontramos em parte alguma, como em nenhum osso, em nenhum nervo, em nenhuma fibra encontramos o espirito que vivifica o corpo; e sentimol-o, como atmosfera indissolvel e impalpavel, rodeando todo o nosso ser e esclarecendo e amparando o com a sua luz e o seu calor fecundante.

As forças magneticas que tem o linan para os corpos, tem o azor para as al- mas. Não queiraes, repito, examinal-o:

Os anjos da meia noite

Photographias

Quando a insomniã, qual livido vampiro, Como archanjão guardado Sepulchro, Vela a noite por nós,
E banha-se em suor o transverso,
E além geme nas franças do pinheiro Da brisa a longa voz...

Quando sangrenta a luz no alampadario Estala, cresce, expira, após resurgo,
Como uma alma a pensar,
E canta aos guizos rubros da loucura A febre— a metriz da sepultura—
A rir e a soluçar...

Quando tudo vacilla e se evapora,
Muda e se annua, vive e se transforma,
Cambaleia e se esvae...
E da sala na magica penumbra Um mundo em trevas rapido se olumbra...
E outro das trevas ste...

Então... nos brancos mantos que arregaçam,
Da meia noite os Anjos alvos passam
Em longa procissão,
E eu murmuro ao fim— os assombrado:

quebra-se ao exame do nosso juizo, como se perdessem as tenues azas da ma- ríposa ao contacto dos nossos dedos. Tem mil aspectos e mil tons.

Obedece a razão suprema e molesta-o a suprema loucura; illumina e cega, vivifica e mata.

Muito nos faz padecer, mas preferimos com elle todos os pezares, a ter sem elle todas as alegrias. Filho da luz, ama as trovas; publicado pelos olhos, pelos suspiros, pela contração dos labios, quer o segredo.

Perde-se n'uma effusão inconcebivel o chama-se o maior egoismo. No seu seio misturam-se o fogo dos infernos com o ether dos céos. E a vida, porque é o conjunto de todos os contrastes, e é o Universo, porque a um tempo des- trói e renova.

A alma tem uma alma, que é o amor. E como o valor vivifica todas as cousas, o amor vivifica todas as ideias. Se o suprimissem, teriam suprimido a es- trella no empyreo, e a arte na terra. Si o interrompessem, teriam interrompido a cadeia que liga todos os seres e a per- petuidade e a transmissão da nossa vida.

A alma das cousas, és o raio tibio da luz, o beijo da estrella, o sapro que levanta onda, o aroma que exala o calix da flor, a faísca de electricidade que serpenteia nas nuvens tempestuosas, o carmin que tinga a face da virgem, o sonho que tolhe a mente, a aza que sustenta a inspiração, o desejo que leva umas almas ao seio d'outras almas, o fogo que sustenta o Universo, a força que junta as cousas no grande todo, a harmonia das espheras, o instincto que reune os seres!

Sem o amor, a ideia não viria visitar as nossas almas; sem o amor, a religião não se levantaria nas margens que jun- tam a vida com a morte para nos indica- rem a eternidade; sem o amor, não en- trariam seu côro immortal as artes im- mortaes. Amor, abençoado amor!

Emilio Castelar.

Feias

(A FORMOSISSIMA SENHORA ADELA CASTEL)
 Tristes urnas d'amor, que n'este mundo egoista, ninguém ouz sequer em sonhos aspirar...
 que thesouros de graça occulta e nunca vista o vazio aspecto encobre ao nosso frio olhar!

Tenho pena de vós, oh nobres detherdadas, de quem a Natureza inteira escarneceu, deixando-vos sem brilho as faces desmaiadas e o lacrymoso olhar sem o esplendor do céu!

Tenho pena de vós, que atravessais a vida sem d'ella ter sentido a aducação, o encanto... Quem sabe até que ponto a angustia vos trucidou! Quem reprou jamais no vazio amargo pranto!

Quem sabe a immensa dor que o vazio peito en- cerrou!

que generoso olhar no vosso olhar poiso; — creaturas que Deus abandonou na terra, elle que fez o Amor o céo e todo estrellou!

Passaes n'as cortejos immentes e tenebrosos, mostrando como é cega e infimo a Natureza; procurareis debalde um coração piedoso, que a Dôr até vos rouba o encanto da tristeza.

Exiladas do Amor, misturadas proscriptas, para quem a existencia é um tormento mar! nem sequer despartes em nós, como as velhas a saudosa illusão das ruínas ao luar...

A vida e para vós a noite immensa e fria, sem astros, sem luar, sem um clarão sequer; podeis ter coração, ter alma, ter poesia, — negou-vos o Destino na graça da Mulher!

Tenho pena de vós, oh nobres detherdadas, de quem a Natureza a rir escarneceu, deixando-vos sem brilho as faces desmaiadas e o lacrymoso olhar sem o esplendor do céu.

Tenho pena de vós, urnas de pura essencia, que sois de evaporar no horror do isolamento, martyres que passais no encanto da Existencia, como astros a relar, mortos, no firmamento...

Montevideo, Novembro de 88.

Antonio Feijó.

Manhã hybernal

(CONTO NATURALISTA)

Bem vés, querida, que já é dia; o sol começa a brincar pelo chão da sala, e entra mansamente até o nosso leito, e

São os anjos deannor do meu passado Que desfiliando vão...

Almas, que um dia no meu peito ardente Derramastes dos sonhos a semente, Mulheres que eu amei!
Anjos louros do céu! Virgens serenas! Madonas, Cherubins, ou Magdalenas! Surgi! apparecei!

Vinde, phantasmas! Eu vos amo ainda; Acordo-se a harmonia á noite infinda Ao roto bandolim...

E no ether, que em notas se perfuma, As visões se alteando uma por uma... Vão desfiliando assim!

1.ª SOMBRA

MARIETTA

Como o genio da noite, que desata O véo de rendas sobre a espada nua, Ella solta os cabellos... Bate a lua Nas alvas dobras do lençol de prata...

O seio virginal, que a mão recata Embaldo e prende á mão... cresce, flutua... Sonha a moça no reflecção. Além na rua Preludia um violão na serenata!

está enfeitando de uma poeira cariciosa de luz coada através dos vidros, os teus seios brancos como o leite, e como o leite espumante que do ubera da vacca escorre em fios cor de neve, quentes. Bem vés que é preciso que eu parta, que te deixe repousando, os meigos olhos fatigados recolhidos dentro das palpo- bras, como duas borboletas que se es- condeem nas crisalidas, os meigos olhos fechados, a dormir, a dormir e a sonhar comigo, humidos ainda dos meus beijos.

E preciso que eu parta, mas bem sa- bes que ficam contigo os meus pensa- mentos, e que minh'alma, presa á tua, acompanha-me de longe, sem se afastar de ti.

Ella, como uma leoa amorosa, os ca- bellos, os pretos cabellos sacudindo, as mãos estende-me e prende-me, o presa aos seus labios fica a minha bocca o meu corpo, prende o seio levantado e pal- pitante. E de novo faz-se a noite na ca- mara velada, onde paira, como um pom- bo solto, seu apaixonado pensamento. O sol recua, tremulo e confuso e deixa-lhe na sombra o corpo vibrante como um piano, que mão inspirada agita, e subin- jo por entre as rendas do cortinado espia o, mais ardente e mais ousoado, como uma serpente, o olhar estendo e a alve- da inteira alaga n'uma explosão phantasti- ca de luz. Das roupas o perfume forte o excitante sôbo e espallu-se no aposento e com a luz confunde-se, e deste conun- bio maravilhosos, largo, immenso, fecun- dante, nasce o sonho, o sonho repara- dor e as palpebras nos fecha.

LA fora, alegre e quente, flôr, o dia pas- sa e não chegáto nós, porque debalde eu tento deixar-te e porque tu não con- tentes, louca, que eu parta. Sejam As horas de felicidade são tão curtas, que é justo aproveitá-las todas, so bem que tu digas que me queres muito e que me quereiras sempre.

Deixa que o sol morra outra vez e o que de novo a noite, embalsmada, venha ver-nos com o olhar brilhante das estrel- las, mas repara que tão fortes os laços apertamos em volta do nossos braços, que mais depressa poderão quebrar-se ao primeiro balbucio da tua phantasia. Sim! Tudo isto é bello, tudo isto é so- berbo, e eu solto d'esta maravilhosa fe- licidade a influencia dominadora, o cele- bro eu mesmo a apothéose d'este amor cruel, e mais que tudo, adoravelmente sublimo; mas, choro o querido dos meus sonhos, eu não creio no que dizes, no que pensas, não creio no que sentes.

O estado d'alma, dit-o Schopenhauer, é o que dá a litteratura o fundo e a forma, e ao coração a sinceridade rude da ver- dade. E a Natureza cantando.

Souvenir.

Um casamento em 1900

A. DE NOUVEL.

I

Encontraram-se pela primeira vez na tolda da metropolitana electrica.

De pernas cruzadas fumava ella um cachimbo quando uma voz timida in- terpellou:

— Perdão, minha senhora, incomin- da-a estes emburlos?

Ella não gostava do nada que lhe em- baraçasse os pés, lá zangar-se, mas le- vantou os olhos o acalunou-se; e o dono dos emburlos era também proprietario de dois olhos azues e de um sedoso bigo- de louro.

— Não me incomoda, respondeu; o meu cachimbo incomoda-o?

O moço cêrou o timidamente disse:

— Visto que me pergunta, confessa- rei que a fumaca me faz tossir.

A moça metteu esmoadamente o seu cachimbo no bolso e, subito, presa de uma necessidade de confidencias, ap- proximou-se do visinho:

— Vê? é um máo habito adquirido quando dissecava, porque sou douto- randa.

Elle reprimiu um calefrio e suspirou:

— Oh! eu nunca poderia dessecar: perderia os sentidos; por isso papae empregou-me em casa de um grande

...Furtivos passos morrem no lagado... Resvala a escada do balcão discreta... Matam labios os beijos em segredo...

Affogando os suspiros, Marietta! Oh surpriza! oh palor! oh pranto! oh medo! Ai! noites de Romeu e Julieta!

2.ª SOMBRA

BARBORA

Erguendo o calix, que o Xerez perfuma, Loure a trança alastrando-lhe os joelhos, Dantes niveos em labios tão vermelhos, Como boiando em purpurina espuma;

Um dorso de Walkiria... alvo de bruma, Pequenos pés sob infantis arthellos, Olhos vivos, tão vivos, como espelhos, Mas como elles também sem chama alguma;

Garganta de um pallor alabastrino, Que harmonias e musicas respira... No labio—um beijo... no beizar—um hymno;

Harpacolia a esperar que vento a fira... Um pedaço de marinho divino... E' o retrato de Barbora—a Helaira...

3.ª SOMBRA

ESTHER

Vem! no teu peito callido e brilhante O nardo oriental melhor transparal...

costureiro; estou lá como aprendiz- modista.

Ella aproximou-se mais e pergun- tou-lhe:

— Onde mora o seu patrão?

Nesse momento o trem parou. Gritaram: — Bery-Port-de-Mert o o rapaz desceu precipitadamente.

Na rua percebeu que ella o seguia; apressou o passo e ella o imitou.

Parou, então e, voltando-se com voz supplicante:

— Eu lhe supplico, minha senhora, se papae soubesse!

Havia tanta anciedade na voz do pobre rapaz, que ella teve d'isso-lho:

— E's encantador... Amo-te... Dize-me onde mora e eu te deixarei em paz. Com voz desfallida elle balbuciu:

— Rua Albini Valabregue, n. 612.

E rapidamente, envergonhado de sua audacia, esquivou-se sem olhar para traz.

II

A doutora estava verdadeiramente inordinada. Não sonhava sendo nos bigo- des louros e olhos azues do manebro que a fumaca fazia tossir.

Procurou informar-se e soube que Gabriel era um rapaz bem comportado o quando sahia á tarde era acompanhado por seu papae.

Como exactamente tencionava casar- se antes de estabelecer-se, achou que era um bom partido e foi procurar o papae do rapaz.

Depois dos preliminares de uso ella antecipou as perguntas do futuro sogro:

— Chamo-me Paula. Fui educada no lyceu de Luiza Michel, fiz depois brillan- tes estudos medicos. Moralmente, não me considero um anjo de virtude. Levei uma vida de estudante, tive tres ou qua- tro ligações banaes, namoros sem im- portancia.

O papae respondeu com um suspiro cheio de emoção:—Meu filho é livre, elle decidirá. Oh! elle é uma flor de inno- cencia! Foi educado debaixo das vistas paternae, nem sequer Paulo e Virginia elle leu. Seu unico prazer é borrar, fez todos estes tapetes o almofadas da sala.

N'isto chamam Gabriel. Ao ouvir as primeiras palavras do seu papae foi obriga- do a sentar-se.

Quando Paula, apertando-lhe ternamente mão, lhe perguntou se era do seu gosto ser seu marido, occultou os seus bellos olhos azues e o seu bigode louro com as mãos e poz-se a tremer.

Voltando mais a si, disse que isso não lhe era desagradavel, mas o fez tão bai- xo, tão baixo, que a noiva quasi foi obri- gada a encostar seu rosto no d'elle.

Ella aproveitou essa proximidade para abraçal-o, o que acabou de perturbar o pobre moço.

A' noite foram ao theatro Wagner ou- vir uma symphonia regular sobre «O processo do Clovis Hugues», libretto e musica do Mauricio Bernhardt. Foi ali que teve logar a cerimonia.

A festa foi das mais alegres. O noivo estava encantador com sua calça branca, em que cada botão era uma flor de laran- jeira.

Alguns aprendizes-modistas, collegas de Gabriel e estudantes, amigas do Pau- la, foram convidadas.

A' sobremesa as moças excederam-se em tanto depois, que uma metteu-se em baixo da mesa para tirar a liga do noivo (elle trazia incias quimadas desde a mais tenra infancia), que até o papae foi forçado a ordenar que Gabriel fosse para a sala contigua esperar que se preparas- se o café.

As moças declararam que Paula de nada tinha que queixar-se, pois que ca- da uma d'ellas, de boa vontade, tomaria o seu logar.

A' hora da separação o papae levou Gabriel para um canto e fez-lhe as ultimas confidencias ao ouvido.

Quando Paula arrancou o dos braços de seu papae, foi uma scena de cortar o coração; o pobre rapaz seguiu sua mulher, mas fôra de si.

No patamar da escada o papae seguiu a doutora pelo braço e, supplicante, disse-lhe:

— Nada do precipitação... poupo-o, pobre anjo!

III

Oito mezes depois, de volta da viagem

Enrola-te na longa cachemira, Como as Judias moles do Levante.

Alva a clamydo aos ventos—roçagante... Tunido o labio, onde o psalterio gira... O' musa de Israel! pega da lyra... Canta os martyrios do teu povo errante!

Mas não... brisa da patria além revêa, E ao delamber-lhe o braço do alabastró, Fallou-lhe do partir... e parte... e vda...

Qual nas algas marinhas deixo um astro... Linda Esther! E' teu perfil se extrai... se esboça... Só me resta um perfume... um canto... um rastreo...

4.ª SOMBRA

FABIOLA

Como teu riso d'ó... como na treva Os lemmes respondem no infinito; Tem o aspecto do passaro malito, Que em sanio de cadaveres se ceva!

Filha da noite! A ventania leva Um soluço de amor pungente, afflicto... FABIOLA! E' teu nome!... Ecce... é um grito, Que lacerando para os céus se eleva!

E' tu folgas, Bacchante dos amôres, E a orgia, que a mantilha te arregaça, Ecoa a noite de horror, de mais horrores...

E' sangue, que referro-te na taça! E' sangue, que borria-te estas flores! E este sangue é meu sangue... é meu... Desgraça!

de noivado, Gabriel poudo de novo abra- çar seu papae e dizer-lhe em voz baixa:

— Sou feliz, bem feliz! Minha mulher é perfeita para mim! de uma delicade- za... So soubesse! Apezar d'isso, es- tou inquieto... Calcula que ella está engordando... engordando... devo estar doente.

Paula, que o tinha ouvido, desatou a rir:

— Não me tinha enganado, meu sogro, seu filho é de uma candura! Expli- que-lhe que vou ser mãe e que elle não se deve incomodar com isso.

Mas o sogro sacudiu a cabeça, des- contente e, tomando de parte sua noiva:

— E' muito cedo, minha senhora, muitissimo cedo. Por esta vez passa, mas na segunda me zangarei. Acabará por malal-o.

Quadro

A um canto da sala a velha folheava um carunchosofarrabio do homeopa- thia, endireitando de espaço a espaço os enormes oculos que lhe pesavam sobre o quillino nariz.

Sentada no sofá, junto á mesa, a filha parlava alegremente com um joven que pela milésima vez confessava seu amor e chamava-a de zelosa e ciumenta.

O religião da matriz deu dez horas. A velhinha sem despregar os olhos do livro, disse que eram horas do dor- mir.

O moço tomou entre as suas as mãos da namorada e comprimio-as com phre- nesi, ao mesmo tempo que estampou-lhe um beijo barulhento nas faces coradas.

A mãe levantou immediatamente a ca- beça, com a testa enrugada, e pergun- tou:

— Que é lá isso menina?

— Não é nada, mamã; estou estalan- do pelas de rosa.

— E porque estás as tuas mãosinhas manchadas de signaes brancos e verme- lhos, como se alguém as tivesse aperta- do?

— Ora de que ha de ser? do frio...

— Está bom, está bom.

— Sabes enganar com astucia, como quasi todas as mulheres, disse o namo- rado, mas o que é exacto é que mentindo fallaste a verdade, porque os teus labios e as tuas faces são verdadeiras petalas de rosas, e as manchas brancas de tuas mãos são realmente occasionadas pelo frio, pois appareceram nos logares arden- tes onde os meus dedos gelatos tocaram.

Icaro.

13-4-89.

Marinha

O mar é mau, a vaga embala agora Nossa barca que ondula e vai boiando, Vamo! Suleando o mar, cantarelendo, Cantando e rindo pelo mar a fôr...

Sejas tu a marujá nuda, garrida, Aduz e forte no leme a manobrar, Quero ver te vencer, sereno o mar, Por sobre as ondas quando nossa vida.

Vamo! Por sobre o pécego, impolluto, A las radices nos guia o leme, Sigamos por ali, enquanto a treva Não nos vem envolver em meio á luta.

Marinheira do amor! esperança vaga, Não percas este rumo qu'enfrentamos; Vocemos, vocemos, n'um, de plaga em plaga, Até chegar ao porto que buscamos!

A estrella que nos guia fêro o norte Com seus raios vibrantes, crystallinos, Sobre esta mar nuda, emeraldino, Nos guia aquella estrella á louca sorte.

Nem um instante a perder! D'entre as ondas Os nossos corações estreitam leões, E d'entre o coração do mar — as ondas Do nosso amor tateando vão a néo.

Acesso poderão buscar o fundo Deuses mar tormentoso — a coração? Impossível! Que os céos da paixão Vão revolver lio o pélogo iracundo.

